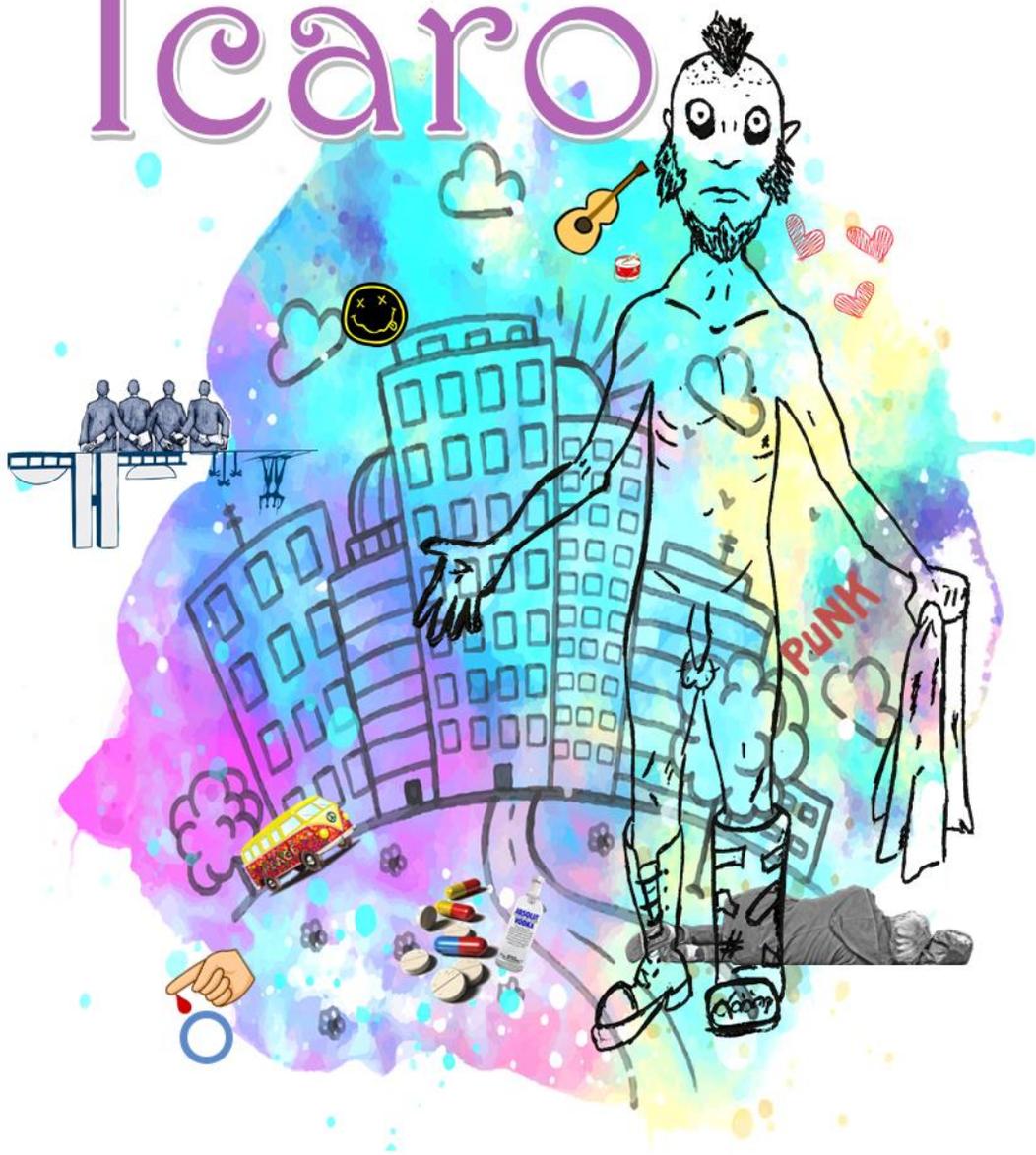


Me chamam Ícaro



Vicktor Flores

Copyright © 2017 Vicktor Flores

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção.

Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos

Descritos são produtos de imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos
é mera coincidência.

1ª Edição – 2017



Vicktorhflores@hotmail.com

vicktorflores.wordpress.com

11 9 5316 6113

Para Dra. Pitoco Kachan,

pela inenarrável paciência e dedicação.

Para todos aqueles que fizeram parte desta e de tantas outras

histórias que juntas criaram este universo nestas páginas.

Com amor, Flores

Este livro não segue nenhuma norma ortográfica, possui diversos erros e não por falta de revisão. É exatamente da forma que está aqui que me lembro das histórias que inventei. A sugestão é que seja entendido como um “sic” do começo ao fim, porque assim é a vida.

PRÓLOGO

Faz muito tempo. Fazem muitas vidas. Faz muito calor. À minha esquerda uma moto barulhenta para bruscamente ocupando duas vagas inteiras. Tanque azul meio amassado, alguns adesivos, um pouco de ferrugem e um mata cão. Um dia essa geração mimimi vai reclamar desse nome em defesa dos animais. Na loja de música fechada à minha frente, duas prostitutas conversam sobre o preço de um vestido e não dão bola pra nenhum carro que passa por aqui. Elas sabem o que eles procuram: drogas. Estou meio zozzo, talvez seja fome. Meu violão está pesado, minha garganta arranhando, acho que vou gripar. Não tenho muito mais o que fazer, nenhum lugar legal pra ir, nenhum amigo pra bater papo, só sobra continuar tocando. Alguém joga uma moeda na minha

jaqueta dobrada no chão. Cinco pessoas estão bebendo do lado de fora de um bar, perto de mim, tem uma guria de vestido verde, está com um grupinho de cinco garotas, ela me oferece um cigarro e o coloca na minha boca pra um trago. Alguém pergunta se pode fazer um pedido e grita lá de dentro “para, por favor!” e todos da mesa dão risada. Piada velha. Tudo cheira a gasolina, esgoto, tabaco e vômito - uma das icônicas sinfonias de São Paulo. Um carro para. Não é caro, não é chiquetoso, como eu chamo. Descem dele três homens e uma mulher. Um ménage à babaquice. Um cara alto está no volante, mas não parece ser empregado. Tem um magrelo baixinho com uma barba esquisita, usa um paletó bem surrado de uma cor clara que não sei explicar, acho que nem tem nome essa cor. Ele usa um jeans com um furo na bunda e por dentro eu me divirto com ele. Deve ser mais um babaca querendo ser diferente, eu penso. A guria que acompanha ele é realmente muito gata, como esses tipos conseguem mulher assim? A carteira me chama atenção, fácil de bater, jeans preto, com um grande zíper. Parece uma pequena bolsa. Eu vejo o magrelo acariciando a bunda da

acompanhante e penso o quão safada ela deve ser na cama. Forço um Lá à 6ª Maior e passo para o clássico Mi com baixa de Sol sustenido, pode-se tocar qualquer música triste com essas notas, parece complicado, parece que precisa de anos de técnica, mas é só uma coisinha qualquer que essa turma gosta de ouvir quando está bêbada. Parece cult. Faço isso olhando o belo traseiro da morena de cabelos compridos. Dois dos que estavam no carro entram ao lado de um bar falando baixo, ao pé do ouvido, um sussurro. É um restaurante caro ali no andar de cima. O tipo esquisito está preocupado com a garota que ajeita a bota. Eu continuo zozzo e me distraio quando uma mão magra toca meu ombro e diz “Wave” – a música que eu estava dedilhando. Ele pergunta se eu venderia meu violão, eu digo que não, é claro, e ele então diz que já teve um igual ao meu. Puxa do bolso uma nota de cinco reais e coloca embaixo das poucas moedas na jaqueta. Virando de costas ouço ele resmungar que odeia sair de casa e que preferia um misto quente. São quase 21h, estou exausto. Faz muito calor aqui. Uma onda de arrependimento me toma por ter pensado besteira da namorada

do cara que com certeza era um babaca - quem prefere um misto quente a um jantar aqui nesse restaurante? - mas foi um babaca bacana comigo. Eu paro de tocar e penso o quanto seria bom poder comer ali com eles, mas isso é uma coisa que eu acho que nunca vai acontecer. Como eu queria poder comer qualquer coisa agora... Cíntia, uma dama da noite com cara de criança com espinhas na cara, passa e me manda um beijo. É a deixa pra eu sair do ponto dela e ir pro Santa Cecília tentar a sorte em outro bar. Quem sabe amanhã eu acordo com um contrato e não preciso mais entregar panfletos de dia e dividir o ponto com uma prostituta de noite?

O COMEÇO

As 15 horas e 30 minutos do dia 16 de Novembro de 1985 eu nasci. Naturalmente, eu não me lembro muito bem do que aconteceu naquele dia. Na verdade não me lembro de absolutamente nada, mas me disseram depois que Jânio venceu em São Paulo e desinfetou a cadeira do FHC antes de assumir seu lugar. Não que a informação mude alguma coisa em nossas vidas, mas eu gosto de saber que naquela época as coisas eram diferentes.

Sou Calunga de berço, mas nunca me imaginei sentado no píer tocando um violão ou fazendo aqueles eternos luais chatos com pessoas mais chatas ainda.

Minha família é típica... Meu pai é um cara forte, descendente de judeus portugueses, radialista com um vozeirão, cantadas na ponta da língua e uma petulância imensa que de alguma forma fez com que ele conseguisse engravidar metade da baixada santista e arrumar muitos maridos como inimigos. Meu avô tinha um armazém perto do Porto e vendia para os marinheiros e estivadores. Minha mãe é uma italiana com cara de índia. Morena, cabelos longos negros, olhos azuis e um nível de paciência que beira o zero absoluto. Virginiana. Os pais da minha mãe eram fazendeiros vizinhos em Extrema - MG, onde a família do meu avô trabalhava para a família da minha avó. Eram dois meninos do lado dos Bressan e duas meninas do lado dos Milloni. Eles se conheceram e decidiram se casar. Assim mesmo, tipo "o que você está fazendo? Nada? Então, bora casar", mas dias antes da cerimônia eles brigaram e os casais trocaram: minha avó ficou com o noivo da irmã dela e quem seria seu marido ficou com minha tia-avó. Essa "troca" deixou a maior autoridade da cidade enraivecida: O padre decidiu casar eles assim mesmo. Trocados. O casamento dura mais de

cinquenta anos... Os Milloni Bressan juntaram as fazendas e aquilo ficou realmente muito, muito grande. Havia o cafezal, um pomar imenso, mata nativa onde meu bisavô armava várias cabanas de caça e largava nelas coisas como espingarda, munição, farinha, vara de pesca, peixeira e fumo. Tinha uma cachoeira linda com água cristalina e leve, e muitas cabeças de gado e cavalo.

Tanto os Milloni quanto os Bressan vieram fugidos da Calábria assim que começou a 2ª Guerra. Até meus 22 anos coisas como "Calabres fidicani" (Calabres figlio di cane) era muito comum de eu ouvir depois de fazer alguma besteira.

Até meus sete anos, minha vida foi baseada em inúmeras mudanças por causa do trabalho do meu pai. Quando meus pais se separaram, então eu com dois anos, fiquei com meu velho e moramos em São Vicente, Jundiaí, Santos, Praia Grande, Guarujá, São Paulo, Santo Amaro, Itanhaém... Meu pai vivia trocando de emprego, mas quando começou na Rádio Capital as coisas se estabilizaram um pouco. Fomos morar na Avanhandava, num apartamento enorme muito antigo. Me

lembro de que não comíamos em casa, era sempre um restaurante diferente. Lembro de muita gente que na época era famosa, indo em casa tomar um café com a gente. Isso pra mim era uma coisa normal, eu não sabia quem eram e nem me interessava. Embora minha família sempre me contradiga nesse assunto, eu não me lembro de sequer uma pessoa que eu tenha gostado quando criança. Acho mesmo que eu era muito antipático e os outros falavam comigo por interesse em agradar meu pai somente.

Bem, fato é que um dia um cara alto, esguio, bonito, lutador de caratê e detentor de um belo sorriso ganhou as eleições.

Meu pai foi um dos primeiros a saber do "Plano Collor" e logo de cara recebeu a proposta de continuar na empresa e ganhar 10 vezes menos ou ser mandado embora no mesmo dia e tentar a sorte. Ele tentou a sorte. A Rádio Capital era de um Deputado muito influente na época. Tudo que meu pai tinha pra receber foi resolvido em dias. Ele saiu do banco com uma pequena fortuna em mãos (meu pai em 1990 era um dos radialistas mais bem pagos do Brasil) e grande parte do dinheiro foi gasto em

merda. Carro, roupas de linho, anéis de ouro, jantares caríssimos, brinquedos importados... O Brasil parado com gente se jogando dos edifícios, passeatas pedindo a saída do Presidente, desemprego nas alturas e meu pai preocupado se daria praia no final de semana. Tudo era pago em Dólar, até a casa que ele comprou a vista com o equivalente a um aluguel do apartamento. Em Francisco Morato tudo era barato e quando um lugar é muito barato, meu amigo, você gasta até o que não tem.

A casa existe até hoje, bem diferente da arquitetura original. Eram dois cômodos grandes, um banheiro e um terreno. Ruas de terra, energia em alguns lugares, silêncio quase absoluto nas noites, vizinhos gentis, mas longe da gente. Ele dizia que aquilo lembrava a terra dele, Vila Margarida em São Vicente.

Em pouco tempo foi construído um escritório com o que ele chamava de "elemento vazado", uma cozinha, copa e tudo mais. Compramos um cavalo puro sangue, construímos uma cerca de madeira branca, compramos um fusca vermelho (a eterna paixão do meu pai e que hoje está comigo), um videocassete sete

cabeças e um revolucionário aparelho três em um - CD (prancha para quatro discos. Sim, você ouviu direito, não é uma pegadinha: quatro discos em uma só prancha para que a senhora não tenha que se levantar para trocar seu artista), Toca fitas e Long Play. A gente era foda. Tinha fila na porta de casa pra ver os retratos com os famosos. As pessoas pediam autógrafo. Elas queriam me ouvir falar inglês. Elas queriam as histórias, nossas histórias.

Acontece que tão rápido nossa fama se espalhava pela cidade, com ela ia nosso dinheiro. Em pouco tempo a prata acabou. Em pouco tempo saímos do status de pessoas mais ricas, para os mais miseráveis de uma das cidades mais miseráveis de São Paulo.

É aqui que a minha história começa.

Com gastos cada vez mais absurdos como pagar o que se pagaria na construção de uma casa inteira para se fazer uma simples varanda, sem nenhuma noção de valores e total falta de visão sobre o estado brasileiro, começamos a ficar realmente sem dinheiro.

É engraçado dizer isso, porque quando um amigo diz que está sem grana, a gente pensa "ok, ele não pode tomar uma gelada comigo, fica pra semana que vem", mas na verdade em nosso caso não. De um mês para o outro, foi assim mesmo, coisa de 30 dias, não tínhamos comida em casa. Sem sacanagem. Não tinha luz em casa, nem água, nem arroz ou feijão. Não tinha nada. Comíamos um ovo dividido em quatro partes no almoço. Nosso café da manhã eram pães que os mercadinhos davam para os cavalos, onde você pegava uma média e tinha que ver se tinha ou não bolor.

Nossa comida era feita no fogão a lenha e eu quem pegava as madeiras.

Meu pai saía à rua para procurar emprego vestindo linho. Ele pegava comida que as outras pessoas davam pra gente vestido assim. Não vou me alongar aqui nas histórias penosas, mas é importante saber que eu tive um motivo para ser como sou. As coisas não aconteceram comigo como acontecem com os outros. Não. A vida não tem piedade, parceiro.

Antes eu estudava no Caetano de Campos, na Consolação. Comecei a estudar no Egon Schaden. Antes eu apanhava de burgueses e agora eu apanhava até das merendeiras.

E eu apanhava todo dia. Eu não sei por que, mas as crianças me batiam sempre que podiam. Era incrível. Eu lembro que na nova escola não tinha separação por idade, então nós que tínhamos oito anos ficávamos com os caras de 25 repetentes. Eles me colocavam em uns tambores de lixo e empurravam escada abaixo. Eu sempre me fodi quando era moleque.

Sem dinheiro, não tinha como terminar a casa e eu me apoderei do escritório para dormir. Cabia exatamente minha cama ali, mas também, era tudo que eu tinha pra colocar. Lembro que a sala criou uma rachadura no teto que era possível ver as estrelas a noite. Era lindo e meio mágico isso. Claro que não era tão legal assim quando chovia.

Isso durou anos. Essa vida de não ter o que comer, de comprar minhas roupas em brechó, de passar anos e anos sem poder cortar o cabelo num salão, de não ter nada, só livros e gibis que